

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE: UMA LEITURA CRÍTICA DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOB A ÓTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Gyselle Nascente de Oliveira¹

Cinthia Letícia de Carvalho Roversi Genovese²

Michell Pedruzzi Mendes Araújo³

Resumo: Atualmente, a crise ambiental e a emergência climática em curso indicam que não há outra opção, a não ser a humanidade aprender a cuidar integralmente do planeta. Diante disso, este artigo traz reflexões sobre a importância da Educação Ambiental para a formação de uma consciência crítica e a necessária mudança de paradigmas e de atitudes em relação ao Meio Ambiente. Nesse sentido, foram analisados dois sites e um programa televisivo como possibilidade de ferramentas educativas para além do livro didático. Os resultados apontam que há meios de comunicação que apresentam informações e conteúdos ambientais, e ainda incentivam a Educação Ambiental para a construção de um mundo mais ético, justo e sustentável.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Sustentabilidade; Criticidade; Indústria Cultural.

Abstract: Currently, the environmental crisis and the ongoing climate emergency indicate that there is no other option but for humanity to learn to fully care for the planet. Therefore, this article brings reflections on the importance of Environmental Education for the formation of a critical conscience and the necessary change of paradigms and attitudes in relation to the Environment. In this sense, two websites and a television program were analyzed as a possibility of educational tools beyond the textbook. The results indicate that there are media that present information and environmental content, and encourage Environmental Education to build a more ethical, fair, and sustainable world.

Keywords: Environmental Education; Sustainability; Criticality; Cultural Industry.

¹ Universidade Federal de Goiás. E-mail: gynascente@discente.ufg.br.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4667976888366859>

²Universidade Federal de Goiás. E-mail: cinthialeticia@ufg.br.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9574293631943584>

³Universidade Federal de Goiás. E-mail: michellpedruzzi@ufg.br.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

Introdução

Ao longo de bilhões de anos, o planeta Terra, o único lar que conhecemos, evoluiu formando sistemas com características únicas e uma enorme e complexa biodiversidade. Nos últimos séculos, a humanidade vem transformando grande parte da superfície terrestre do planeta, desencadeando mudanças significativas no clima, no ar, nas águas, no solo, na qualidade dos alimentos e na sua própria saúde.

Especialmente nas últimas décadas, todo o equilíbrio dos sistemas vem sendo ameaçado e nunca foi tão urgente e necessário discutir, difundir e trabalhar a Educação Ambiental, e precipuamente, estabelecer ações concretas e eficazes para frear e reverter os impactos ambientais que temos testemunhado em todo planeta, resultado da atividade humana ao longo do tempo.

Nessa direção, Reigota (2009) ressalta que mesmo que a Educação Ambiental não resolva os inúmeros e complexos problemas ambientais planetários, ela pode influenciar decisivamente para isso. Formando sujeitos conscientes de seus direitos e deveres e atuantes na sua comunidade, haverá mudanças que mesmo que não produzam resultados visíveis ou imediatos, também não serão sem efeitos concretos.

Daí a importância da Educação Ambiental no processo educativo formal e não formal, para uma urgente e necessária mudança e tomada de consciência. De uma consciência planetária, que considere todos os seres e todas as dimensões da vida, que provoque a reflexão sobre as consequências do que vem sendo feito de forma prejudicial ao planeta e inclusive ao próprio homem, e do que ainda pode ser feito para se ter um mundo melhor. Para que as futuras gerações também possam ter o direito de viver e conviver com a riqueza natural que ainda resiste e insiste em se manter.

Ao analisar como notícias e conteúdos relacionados ao Meio Ambiente são divulgados pela mídia, como os desastres ambientais e crimes contra a natureza, ao mesmo tempo que se promove o agronegócio e o incentivo ao consumo exacerbado, observa-se acentuada contradição, fruto principalmente do interesse privado. Essa dicotomia entre o real e o produzido acarreta uma falsa consciência da realidade, efeito do modelo capitalista de sociedade e da Indústria Cultural, que há tempos vem comandando a relação dos seres humanos com o meio ambiente.

Estudos como os de Reigota (2009), Morin (2000), Jacobi (2003), Loureiro (2003; 2004), Gadotti (2008), entre outros, enfatizam a necessidade de se trabalhar a Educação Ambiental em todas as esferas da sociedade, fomentar a reflexão crítica sobre as questões socioambientais e o desenvolvimento de uma consciência ambiental planetária. Alinhada a essa visão, é possível amparar-se ainda, nos postulados de autores como Freire (1987; 2000; 2011), Adorno (2005) e Adorno e Horkheimer (1985), na busca pela reflexão e

superação de práticas e de concepções distorcidas, produtos do ideário capitalista e da Indústria Cultural.

Em vista do exposto, as perguntas que direcionaram o desenvolvimento deste trabalho foram: Como sites de Organizações Não Governamentais, ou programas televisivos auxiliam na divulgação de informações e conteúdos confiáveis sobre o Meio Ambiente? Poderiam esses meios de comunicação serem utilizados para se trabalhar a Educação Ambiental?

Educação Ambiental política, crítica e transformadora

A Educação Ambiental é um campo do conhecimento e de prática que surgiu a partir da crescente demanda em se contestar o modelo de desenvolvimento pautado na desenfreada exploração dos recursos naturais e da expressiva degradação do Meio Ambiente, fruto do modelo de economia capitalista e de certa alienação social frente a problemática ambiental planetária.

Diante disso, a Educação Ambiental que se pretende defender neste trabalho é uma Educação Ambiental política, crítica, emancipatória e transformadora da realidade, que vise uma prática educativa formadora da consciência ambiental e planetária e que impulsione a quebra de paradigmas pela sociedade.

Reigota (2009) entende a Educação Ambiental como educação política, aquela que prepara os cidadãos para reivindicar e construir uma sociedade com mais justiça social, cidadania e ética nas relações sociais e com o Meio Ambiente. Aquela que visa a construção de conhecimentos, o diálogo, a mudança de mentalidade, de valores, de atitudes e uma maior participação da coletividade.

Em conformidade a essa ideia, Freire (2011) ressalta que não há como a educação ser neutra, pois ela tem como principal qualidade ser política. Nesse sentido, nossas práticas, sejam elas quais forem, não podem ser neutras e exigem de nós uma tomada de posição, uma definição. Isso porque, segundo o autor, “[...] *ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra*” (p. 42).

A Educação Ambiental política tem estreita relação com ideia de responsabilidade social, econômica e ambiental, e com a busca por alternativas e soluções para as questões ambientais mais pujantes em todo o mundo. Por isso, há décadas a Educação Ambiental vem sendo considerada um instrumento essencial de sensibilização, conscientização⁴ e de transformação.

Segundo Reigota (2009, p. 17), a Educação Ambiental política tem como “[...] *base o pensamento político, filosófico, cultural e pedagógico contemporâneo*

⁴ O presente estudo adota a concepção freiriana de conscientização, entendida como um processo de formação da consciência crítica em relação à realidade que acontece a partir da sensibilização, em um movimento progressivo e particular a cada indivíduo, que o leva à reflexão, à tomada de decisão, à ação concreta e eficaz, com vistas à transformação permanente da realidade (FREIRE, 1979).

[...]" e como processo pedagógico o autor acredita que ela deve valorizar o estudo do meio ambiente onde os estudantes vivem, procurando relacionar as contribuições científicas, artísticas e populares aos problemas cotidianos, para pensarem juntos nas possibilidades concretas de solucioná-los.

Contudo, é importante ressaltar que isso não quer dizer que as questões ambientais planetárias não devam ser discutidas, pois o que se busca é uma consciência ambiental planetária, não só local ou nacional. Isso porque, como Reigota (2009, p. 16) alerta, o ser humano “[...] *dificilmente se considera um elemento da natureza, mas um ser à parte, como observador e/ou explorador dela*”.

Além disso, na sociedade contemporânea de caráter capitalista de que fazemos parte, torna-se fundamental um olhar crítico para as políticas, as práticas e para a própria relação do homem com o Meio Ambiente. Destarte, esse olhar sobre a gestão ambiental pública favorece um maior controle da sociedade sobre as decisões e projetos, ao mesmo tempo que contribui para “[...] *a superação dos mecanismos de controle e dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos*” (REIGOTA, 2009, p. 13).

Importa destacar que a Educação Ambiental transformadora tem o intuito de “[...] *romper com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade, estando articulada necessariamente às mudanças éticas que se fazem pertinentes*” (LOUREIRO, 2004, p. 82). Nesse sentido, os homens “[...] *devem se engajar no processo com a consciência cada vez mais crítica de seu papel de sujeitos da transformação*” (FREIRE, 1987, p. 71).

Como práxis educativa, a Educação Ambiental política, crítica e transformadora é, portanto, multidimensional. Caracteriza-se por ser dialógica, democrática e solidária. Ademais, configura-se como uma educação para o exercício da cidadania, para a consolidação de direitos e cumprimento dos deveres com o Meio Ambiente natural e social, em ação coletiva e individual, em debate e busca por soluções e de combate às diversas contradições presentes na sociedade contemporânea.

Sustentabilidade e os desafios para um desenvolvimento sustentável

A Educação Ambiental abarca inevitavelmente a ideia de Sustentabilidade, uma vez que, ao se pensar uma educação que prioriza o Meio Ambiente, as práticas deverão ser necessariamente sustentáveis. Pode-se, portanto, compreender a Sustentabilidade como a chave para uma Educação Ambiental que sensibilize os cidadãos e considere o Meio Ambiente de forma integral.

Alguns pesquisadores acreditam que os termos Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável tiveram origem anteriormente à década de 1970. No entanto, observa-se que o conceito de Sustentabilidade começa a ser difundido em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente

Humano (CNUMAH, 1972) em Estocolmo, em que o principal enfoque foram as questões relativas à poluição e à degradação ambiental.

Posteriormente, em 1992 no Rio de Janeiro, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), também chamada de Eco 92, Rio 92 ou Cúpula da Terra, foi elaborado o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*.

Para Fiel e Schreiber (2017, p. 676) o Desenvolvimento Sustentável pode ser entendido como:

[...] uma estratégia utilizada em longo prazo para melhorar a qualidade de vida (bem-estar) da sociedade. Essa estratégia deve integrar aspectos ambientais, sociais e econômicos, em especial considerando as limitações ambientais, devido ao acesso aos recursos naturais de forma contínua e perpétua.

Todavia, o que se percebe é que o conceito de Desenvolvimento Sustentável vem sendo usado e se concentrado na dimensão do crescimento econômico e da manutenção do Estado. Antagônico, portanto, à visão sistêmica e abrangente do conceito de Sustentabilidade, que busca sobretudo refletir e transformar a relação do homem com a natureza, visando a Sustentabilidade planetária, a conservação e preservação do Meio Ambiente natural.

Em face do exposto, entendem-se as razões pelas quais numerosos especialistas e estudiosos criticam duramente o conceito de Desenvolvimento Sustentável, visto que, como afirma Gadotti (2008, p. 52), “está claro que entre sustentabilidade e capitalismo existe uma incompatibilidade de princípios. Essa é uma contradição de base que pode inviabilizar a ideia de um desenvolvimento sustentável”.

Obviamente não podemos ser ingênuos quanto à dicotomia e às contradições produzidas pelos conceitos de Sustentabilidade e de Desenvolvimento Sustentável que, muitas vezes, são usados de forma indevida e acompanhados em certo grau de uma banalização. Mesmo diante dos inúmeros desafios para a concretização de um projeto efetivo de sociedades realmente sustentáveis, é preciso resgatar a perspectiva da Sustentabilidade em todas as nossas ações, decisões, escolhas e em especial nos processos educativos de todos os cidadãos.

Com efeito, a Educação Ambiental apoiada à Sustentabilidade pretende estimular mudanças na base das relações sociais e econômicas. Busca discutir e disseminar ideias e práticas sustentáveis, incentiva a participação da comunidade local e global, além de formar sujeitos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel no mundo. Contudo, observa-se que a noção de Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável vem sendo usada principalmente pelas mídias para manipular a opinião pública e maquiar a atual realidade ambiental, em grande parte fruto da Indústria Cultural aliada ao interesse do capital.

Agronegócio, consumo e meio ambiente: uma compreensão à luz do conceito de Indústria Cultural

O planeta vem padecendo continuamente com as várias interferências e atividades humanas. Os impactos ambientais se multiplicam sem que medidas concretas e efetivas sejam tomadas. A relação do homem com a natureza tem sido de exploração e desresponsabilização. Além disso, a sociedade capitalista – de que fazemos parte – está pautada na acumulação infinita do lucro, principalmente por meio da exploração do Meio Ambiente e do trabalhador.

Nessa direção, acentua-se que “*o quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que o impacto dos humanos sobre o meio ambiente tem tido consequências cada vez mais complexas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos*” (JACOBI, 2003, p. 193). Não raro, observam-se os discursos e as práticas referentes à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente sendo orientados pelo mercado e tomando diferentes conotações.

Atualmente, o agronegócio se revela como a maior preocupação entre estudiosos e ambientalistas, pela sua capacidade de destruição e exploração do Meio Ambiente natural. A agricultura e a pecuária são os responsáveis por quase a totalidade do desmatamento no mundo e pela destruição dos ecossistemas, transformando florestas em monoculturas e pastagens para o gado e outros animais. Áreas estas que são essenciais para manter o clima do planeta equilibrado. Ademais, “[...] o desmatamento e a retirada das árvores em milhares de hectares contribuem para o desequilíbrio hídrico e a desertificação das terras” (MORIN, 2000, p. 44).

Grande parte do consumo de água e da energia elétrica produzida, é usada não só pela agricultura e a pecuária, mas também pelos grandes conglomerados industriais e empresariais. As grandes indústrias também são responsáveis por produzirem grande parte do lixo e resíduos que poluem o solo, o ar, os rios e oceanos, e a agropecuária é uma das maiores geradoras de gases de efeito estufa. Sobre isso, Gadotti (2008, p. 83) lembra que:

[...] o consumo de carne é o maior poluidor do planeta. [...] a fronteira agropecuária é o principal fator de desmatamento e que um quilo de carne precisa de 15 mil litros de água para ser produzido. Enquanto 14% das emissões de gases do efeito estufa são produzidos pelo transporte, no planeta, 18% das emissões desses gases provêm de animais.

Hoje, utilizam-se mais terras para se cultivar grãos que servirão de alimento aos animais do que para alimentar os seres humanos. Quanto maior o número de animais destinados ao abate, mais é preciso cultivar para alimentá-los e, consequentemente, são necessárias mais terras para plantar, contribuindo para a intensificação do desmatamento. Fato este que gera um ciclo ininterrupto de degradação, consumo dos recursos naturais e exploração, tanto da terra quanto dos animais.

Torna-se relevante destacar o atual contexto de pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, Sars-CoV-2, que se espalhou rapidamente pelo mundo, assim como outros patógenos que causaram em outros momentos epidemias como da gripe aviária, gripe suína, ebolas, febre aftosa, *influenza A* e suas variantes – a exemplo da H1N1 em 2009 – entre tantos outros (WALLACE, 2020).

Essas ocorrências estão, direta ou indiretamente, ligadas à “[...] forma como a sociedade moderna organiza suas atividades produtivas [...]” (WALLACE, 2020, p. 17), a exemplo da pecuária e da agricultura extensiva. Por isso, “de forma geral, o agronegócio é responsável por gerar ambientes apropriados para a produção em escala de novos patógenos e por remover obstáculos imunológicos que poderiam retardar a transmissão de uma nova doença” (WALLACE, 2020, p. 20).

Vivemos a era da informação e a cada dia os meios de comunicação – também conhecidos como mídia – tornam-se objetos de consumo da sociedade e instrumentos de manipulação do mercado e do interesse privado. A esse propósito, observa-se cotidianamente o empenho da publicidade na manipulação e convencimento das grandes massas. Um exemplo expressivo dessa realidade é a campanha *Agro é tech, agro é pop, agro é tudo*, apresentando o discurso de que o Agro é a *indústria-riqueza do Brasil* e consequentemente, o motor da nossa economia.

Esse informe publicitário é veiculado especialmente em horário nobre não por acaso pela empresa líder da TV aberta e a que tudo indica produzido pela mesma, já que dentre o diversificado nicho de investimentos de seus proprietários e gestores está o agronegócio. Essa campanha se caracteriza por trazer uma visão romantizada do agronegócio em relação ao Meio Ambiente e à economia, frequentemente associando-os à Sustentabilidade. Matta e Schmidt (2014) explicam que, “[...] convenientemente, boa parte da mídia contemporânea utiliza-se do contexto socioambiental, para lucrar com os resultados oriundos de suas campanhas” (MATTA; SCHMIDT, 2014, p. 113).

Partindo das reflexões até aqui apresentadas, considera-se relevante pensar sob a ótica do conceito de Indústria Cultural, o papel que os meios de comunicação de massa vêm exercendo sobre os sujeitos, sobre o consumo e como isso tem se refletido no Meio Ambiente. Ressalta-se que o conceito de Indústria Cultural, cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1947, permanece atual e essencialmente importante para se pensar criticamente as relações humanas na sociedade contemporânea capitalista e de consumo, à qual pertencemos.

Na Indústria Cultural, a cultura converte-se em semicultura, ou seja, a formação cultural transforma-se em semiformação. As condições sociais resultantes dessa indústria são base para a universalização da semiformação, “[...] que passou a ser a forma dominante da consciência atual [...]” e amplamente reproduzida. Considerando-se a semiformação a perpetuação do espírito alienado e conformista [...], a autonomia não teve tempo algum de

constituir-se, a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra” (ADORNO, 2005, p. 2-5).

Nesse panorama, os meios de comunicação de massa e a publicidade cumprem um papel de destaque na defesa e concretização dos ideais da Indústria Cultural. Não se pode negar a relevância e utilidade que os meios de comunicação sempre tiveram na recente história das sociedades – acrescenta-se a isso, atualmente, a internet e as mídias sociais. Contudo, a questão que emerge é: como vêm sendo utilizados e para qual finalidade?

A mídia, e em particular a televisão, é um poderoso veículo de comunicação, agregador de ideias, disseminador de valores e concepções, e influenciador de comportamentos. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 135) “*tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. O que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante*”.

Os meios de comunicação não são neutros, justamente porque são utilizados para determinados fins. Por isso, torna-se tão difícil encontrar algum tipo de mídia que seja independente e realmente crítica, que problematize e possibilite ou incentive os sujeitos a analisarem criticamente os produtos da Indústria Cultural, e em especial em relação ao Meio Ambiente. A exemplo das propagandas que promovem o agronegócio, a intenção é a de convencer a grande massa de que esse é um meio de produção sustentável, que gera empregos e do qual a economia depende. “*O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade*” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Nessa direção, segundo os postulados de Adorno e Horkheimer, os produtos da Indústria Cultural:

[...] paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Na sociedade capitalista, os interesses econômicos ditam o papel dos produtos, dos serviços e dos indivíduos. O objetivo da Indústria Cultural é lucrar e estabelecer padrões de consumo e de comportamento minimamente previsíveis, gerando assim falsas necessidades que são incorporadas pelas pessoas sem muita resistência, que não só compram o produto, mas também a ideia que ele transmite.

Cabe então, aos consumidores ou expectadores, interpretar as informações e os produtos da Indústria Cultural, analisar criticamente os discursos que lhe são apresentados, cobrar mudanças, denunciar abusos e lutar

Revbea, São Paulo, V. 18, N° 3: 345-364, 2023.

contra as contradições presentes na sociedade capitalista e do consumo, da qual somos peças-chave para as transformações que precisamos.

Metodologia da Pesquisa

Tendo em vista o referencial teórico e a discussão apresentada até aqui, este trabalho tem por objetivo analisar como as questões referentes ao Meio Ambiente vêm sendo tratadas e apresentadas pelas mídias ao público em geral e como os veículos de comunicação e a internet, podem contribuir para a consolidação da Educação Ambiental e disseminação de informações sérias e coerentes à população.

Desta forma, metodologicamente, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, com características do tipo descritiva e exploratória com a finalidade de proporcionar reflexões no tocante às questões ambientais. Atualmente, a pesquisa qualitativa é reconhecida e amplamente utilizada em diversos campos, por permitir o estudo e a interpretação dos objetos e fenômenos em seus espaços naturais, por uma perspectiva transdisciplinar.

Conforme Lüdke e André (1986, p. 12), “[...] os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo”. Assim, a partir de dados predominantemente descritivos, “o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas”.

Ao adotar a abordagem qualitativa, o objeto ou evento estudado é compreendido no contexto temporal e espacial em que se encontra ou em que ocorre, considerando-se os diversos cenários e variáveis existentes, principalmente na atual sociedade globalizada e multicultural, que nos encontramos. À vista disso, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 12), “todos os dados da realidade são considerados importantes, [...] pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado”.

A obtenção dos dados se deu por meio de pesquisa documental, que mesmo sendo pouco explorada, se revela uma valiosa técnica de abordagem de dados qualitativos. Esse tipo de pesquisa possibilita a identificação de informações reais e concretas a partir de questões de interesse e propósitos do pesquisador. Além disso, a pesquisa documental é uma técnica exploratória de baixo custo e representa uma fonte natural de informações que podem ser utilizadas pelo pesquisador a fim de fundamentar suas afirmações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Considerando a Educação Ambiental como o campo investigativo, o *corpus* da pesquisa teve como enfoque dois sites de ONG disponíveis em plataforma digital – Google – e um programa televisivo. Os sites selecionados para esta pesquisa foram Greenpeace e WWF, por estarem diretamente relacionadas às questões ambientais e na defesa pela preservação ambiental e do Desenvolvimento Sustentável.

O programa escolhido foi o *Repórter Eco*, de cunho jornalístico, mas com foco no Meio Ambiente natural. Ademais, considera-se que tanto os dois sites quanto o programa são ferramentas de razoável acesso e se destinam a pessoas de qualquer faixa etária. Assim, tendo por base o referencial teórico e as perguntas de pesquisa, foram definidas três categorias para pretendida investigação: Educação Ambiental, Sustentabilidade e Publicidade.

Análise dos dados e resultados

Dada a importância da Educação Ambiental e da adoção de práticas mais sustentáveis, buscou-se investigar dois sites de ONG ambientais: *Greenpeace* e *WWF*, e um programa televisivo: o *Repórter Eco*, por terem enfoque no Meio Ambiente natural e na Sustentabilidade ambiental. O objetivo foi analisar se as mídias escolhidas podem ser consideradas e utilizadas como ferramenta educativa, de sensibilização e de uma consequente conscientização ambiental.

Ante o exposto, cumpre destacar que o *Greenpeace* é uma organização independente sem fins lucrativos e financiada exclusivamente por seus apoiadores. Conhecida mundialmente, atua desde 1971, estando hoje presente em mais de 55 países, mas só chegou ao Brasil em 1992, ano em que aconteceu a conferência ambiental Eco-92. No site do *Greenpeace Brasil*, há uma gama de conteúdos referentes ao Meio Ambiente e divulgação de campanhas para preservação do meio natural, relatórios, artigos e estudos, além de contar com um *podcast* sobre temas socioambientais.

O *WWF*, por sua vez, atua hoje em mais de 100 países, foi fundado em 1961, mas se consolidou no Brasil apenas em 1996. Também é uma organização sem fins lucrativos, no entanto, aceita financiamento de empresas para projetos de conservação e atividades institucionais, ao contrário do *Greenpeace*. O site do *WWF-Brasil*, também compartilha uma variedade de conteúdos ambientais, relatórios, cartilhas, campanhas e notícias sobre o Meio Ambiente.

As duas ONG ambientais supracitadas também participam das principais plataformas digitais, como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, entre outras, compartilhando informações e conteúdos e possuem ao todo milhões de seguidores.

O programa *Repórter Eco*, como o próprio nome diz, é um programa jornalístico especializado em Meio Ambiente, veiculado pela TV Cultura, emissora da TV aberta brasileira. Pode ser acompanhado também pelo site, *Facebook* e *YouTube*, tendo assim milhares de seguidores.

Por conseguinte, visando uma melhor organização e compreensão dos conteúdos apresentados pelas mídias escolhidas para esse estudo, buscou-se analisá-los tendo como guia as três categorias supracitadas, que foram o enfoque deste trabalho até aqui. Seguem abaixo:

Educação Ambiental

A Educação Ambiental é fundamental para se garantir a conservação e preservação do Meio Ambiente natural, outrossim, necessita ser trabalhada com a ampla sociedade e em diferentes contextos. Nesse sentido, Reigota (2009) lembra que a Educação Ambiental pode ser realizada em escolas e universidades, perpassando o seio familiar, associações, sindicatos, até as grandes corporações, inclusive nos meios de comunicação de massa.

Cada vez mais a informação tem assumido um papel importante em nossa sociedade. Assim, a Educação Ambiental para a cidadania, aliada às mídias e à internet, pode ser um meio para sensibilizar e motivar a participação dos sujeitos em favor do Meio Ambiente e de uma melhor qualidade de vida para todos (JACOBI, 2003).

Desta forma, buscou-se analisar como os conteúdos e informações oferecidos pelos *sites* e pelo programa podem difundir e incentivar a Educação Ambiental e/ou auxiliar educadores na promoção de conteúdos ambientais em suas aulas, e consequentemente, contribuir para o desenvolvimento de uma consciência ambiental pelos indivíduos desde os primeiros anos de escolarização.

O *site* do Greenpeace Brasil oferece um diversificado conteúdo ambiental, em diferentes perspectivas e para pessoas de todas as idades. A página inicial do *site* traz explicações sobre os objetivos da ONG, onde e como ela vem atuando. Contém artigos e notícias atualizadas, principalmente sobre a situação ambiental no Brasil.

Há também o compartilhamento de informações sobre decisões políticas que afetam direta e indiretamente o Meio Ambiente e a sociedade. Não se isentam, portanto, de discutir e de denunciar ações contrárias à preservação e conservação do Meio Ambiente natural, e consequentemente, do bem-estar social.

Por esse prisma, cabe destacar a importância de se pensar criticamente as decisões e ações, tanto empresariais, judiciárias e governamentais. Nesse caminho, advogamos que somente por meio de uma Educação Ambiental crítica, política e reflexiva seremos capazes de discernir, nos mobilizar e exigir as mudanças necessárias.

Compreende-se que o conteúdo produzido pelo *site* não se baseia em mera especulação ou alarmismos, mas em dados e estudos científicos, em pesquisas e em órgãos respeitados, em estudiosos e especialistas da área. Portanto, os conteúdos disponibilizados informam e podem elucidar, desfazer equívocos produzidos intencionalmente pelas grandes corporações e pela política negacionista, que visam apenas a dimensão econômica.

Exemplo disso é a falácia produzida pela campanha de marketing Agro: a *Indústria-Riqueza do Brasil*, tema abordado anteriormente. No *site* do Greenpeace também há publicações (Figura 1) que não só desmentem essa afirmação, como apontam possíveis soluções para tal questão.

Retrospectiva 2021: agroecologia é saúde, solução e justiça alimentar!



Greenpeace Brasil

17 de dezembro de 2021 • 0 Comentários



Para o Greenpeace, a agroecologia é a verdadeira solução frente às tentativas do agronegócio e dos ruralistas de mascarar os problemas da fome, da destruição do meio ambiente e do aumento da desigualdade social que o setor promove. Veja a seguir um "girão" do Greenpeace Brasil em 2021 no tema da Agricultura e Alimentação.

Figura 1: Artigo que aborda a temática Agroecologia versus Agronegócio.

Fonte: Adaptado de Greenpeace (2021).

Concordamos com Mendes, Lhamas e Maia (2020, p. 363) quando explicam que “[...] estão em constante disputa pela natureza aqueles que detêm o poder político e econômico [...]” e aqueles que realmente produzem toda a riqueza, ou seja, os trabalhadores.

De modo similar, o site do WWF produz uma gama de conteúdos de cunho ambiental e para todas as faixas etárias. Um exemplo é o projeto chamado *Nosso Planeta Educação*. A iniciativa trabalha o conceito de biodiversidade e crise climática, além de oferecer sugestões de como tratar do assunto em qualquer etapa do ensino básico. O conteúdo (Figura 2) é gratuito e qualquer pessoa pode ter acesso.



Figura 2: Projeto *Nosso Planeta Educação* do WWF e materiais.

Fonte: Adaptado de WWF (2020).

Quanto ao exposto, Moreira Júnior, Bueno e Silva (2022, p. 179) explicam que diversos conteúdos midiáticos vêm sendo utilizados como veículos de divulgação e discussão de temas ambientais, como programas de rádio, TV, revistas, blogs, entre outros. Os autores ainda defendem que esses “[...] diferentes elementos de mídia podem facilmente, tanto pela linguagem utilizada quanto pela acessibilidade, ser utilizados como materiais didáticos alternativos [...]”, contribuindo para a prática de Educação Ambiental.

Ainda na categoria Educação Ambiental, buscou-se analisar o programa televisivo *Repórter Eco*, por tratar exclusivamente de temas ambientais. O programa é semanal e veiculado aos domingos à tarde, e às sextas-feiras à noite como horário alternativo. O programa tem em média 28 minutos de duração e produz reportagens sobre a multiplicidade de temas ambientais. Divulga estudos e descobertas científicas, além listar as notícias relacionadas ao Meio Ambiente, que tiveram destaque na semana de exibição do programa. As reportagens podem ser acessadas também pelo site que abriga o *Repórter Eco*. Nele são disponibilizados os assuntos individualmente (Figura 3).



Figura 3: Reportagens disponibilizadas do programa *Repórter Eco*.

Fonte: Adaptado de UOL (2021).

A seguir, apresentamos a categoria Sustentabilidade.

Sustentabilidade

A Educação Ambiental para a Sustentabilidade tem como objetivo construir uma sociedade sustentável, mais justa e democrática, ainda que isso pareça utópico. Discutir, buscar soluções e alternativas são fundamentais, para superarmos o atual modelo de desenvolvimento (REIGOTA, 2009) e as políticas públicas em curso ou falta delas.

De acordo com Matta e Schmidt, “[...] buscar formas e ações para a manutenção de uma sociedade mais sustentável, economicamente justa, igualitária e com a premissa de justiça social pode ser o caminho para a construção de práticas sustentáveis” (2014, p. 116). Compreende-se, portanto, a importância da participação de todos os cidadãos e da adoção de práticas sustentáveis em todos os espaços e esferas da sociedade.

Assim, no âmbito da Sustentabilidade, buscou-se analisar se os *sites* e o programa selecionados informam sobre as consequências de nossas ações ao Meio Ambiente, divulgam e incentivam práticas mais sustentáveis, sugerem soluções e mudanças que contribuem com sua preservação e conservação. Nesse sentido, no *site* do Greenpeace, há diversos artigos (Figura 4) que discutem a relação existente entre as nossas práticas e as consequências geradas ao Meio Ambiente.

VOLUNTÁRIOS • #Mobilização

Você sabe quais são os impactos da agropecuária?

15/04/2021

Em semana cheia de curiosidades, voluntários e voluntárias explicam as consequências da prática e falam sobre alternativas para um futuro promissor

VOLUNTÁRIOS • #Mobilização

Poluição dos Oceanos e extinção da vida marinha: o que nossos hábitos têm a ver com isso?

18/06/2021

Grupos locais aproveitaram o Dia Mundial dos Oceanos (08) para explicar como a nossa alimentação e pequenos atos do dia a dia podem ser prejudiciais ao planeta

Figura 4: Publicações sobre a temática Sustentabilidade
Fonte: Adaptado de Leal (2021).

O *site* do WWF também sublinha a Sustentabilidade ambiental, por meio do programa *Educação para Sociedades Sustentáveis* (Figura 5), direcionado a processos formativos e a iniciativa *Pegada Ecológica*, eixo de várias ações promovidas pela ONG.

Educação para Sustentabilidade



© WWF-Brasil / Eduard Parker

Um trabalho voltado para o ser humano, gerando ações que ajudem na conservação. Para o WWF-Brasil, transformar e aprimorar o olhar das pessoas diante da Natureza e sintonizar suas atitudes com a complexa trama das questões ambientais é o caminho para a sustentabilidade.

Figura 5: Sustentabilidade no *site* do WWF.
Fonte: Adaptado de WWF (2021).

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 3: 345-364, 2023.

O programa *Repórter Eco* dá destaque à Sustentabilidade e às pesquisas que buscam alternativas para o Desenvolvimento Sustentável. As reportagens exibidas pelo programa também explicitam os retroprocessos no quadro ambiental brasileiro e, ao mesmo tempo, demonstram que a soma das ações, tanto individuais quanto coletivas, são necessárias e importantes, para alcançarmos uma real Sustentabilidade. A esse respeito, Neffa, Silva e Neffa (2020, p. 510) apontam que a discussão sobre a sustentabilidade, demanda a inclusão da dimensão política e cultural ao debate, pois “[...] os efeitos da intervenção que o sistema técnico provoca sobre o meio ambiente não podem ser dissociados das relações sociais e do sistema de valores, ideologias, conhecimentos, intrínsecos a esse modelo civilizatório”.

Cabe destacar que o *Repórter Eco* também oferece um conteúdo interessante em sua página do *Facebook* (Figura 6), por meio de *posts* que trazem informação e curiosidades sobre o Meio Ambiente.



Figura 6: Conteúdo do *Repórter Eco* sobre o Glifosato no *Facebook*.

Fonte: Adaptado de *Repórter Eco* (2021).

A última categoria de análise é a Publicidade, apresentada a seguir.

Publicidade

Compreende-se que a difusão e o compartilhamento de informações e de conteúdos socioambientais, necessariamente precisam ser confiáveis e idôneos, livres de interesses particulares e que possam influenciar a opinião dos leitores e expectadores, das diversas mídias existentes. Isso porque, conforme Matta e Schmidt, “a difusão da temática da sustentabilidade em empresas, propagandas e campanhas televisivas tem sido utilizada como instrumento para amenizar os problemas ambientais” (2014, p. 113).

Por isso, é fundamental que os indivíduos busquem fazer uma leitura crítica, política e independente, das informações e dos meios pelos quais as informações e conteúdos são difundidos. Contudo, Reigota lembra que “os meios de comunicação de massa também têm um papel educativo importante quando difundem filmes, artigos e reportagens aprofundadas enfocando as questões ambientais [...]” (2009, p. 40).

Publicidade pode ser entendida como a veiculação de mensagens com objetivos comerciais e obtenção de lucro. Nesse sentido, buscou-se analisar se existem anúncios publicitários nos sites *Greenpeace* e *WWF*, ou no programa *Repórter Eco*, e caso haja, se estão relacionados à dimensão ambiental.

Nota-se que o site do *Greenpeace* não possui publicidade, ou seja, anúncios pagos para fins comerciais. Atualmente, a organização está divulgando uma campanha chamada *Calendário Greenpeace 2022* (Figura 7), uma edição comemorativa dos 30 anos de ativismo no Brasil. Trata-se de uma doação em que o doador recebe um calendário da ONG.



Figura 7: Calendário *Greenpeace* 2022.
Fonte: Adaptado de *Greenpeace* (2021).

Do mesmo modo, a página do *WWF* no *Facebook* divulga a venda do *Calendário 2022* (Figura 8), como forma de os cidadãos apoiarem a organização. Entende-se, portanto, que o intuito das organizações não é comercial, pois sabe-se que as doações são voltadas à implementação e ao desenvolvimento de projetos educativos e ações que visam a conscientização ambiental pela sociedade e a proteção do Meio Ambiente.



Figura 8: Calendário *WWF* 2022 no *Facebook*.
Fonte: Adaptado de *WWF* (2021).

Por outro lado, o próprio site faz um alerta (Figura 9) a respeito de mensagens e anúncios falsos, que estariam sendo postados em redes sociais, passando-se pelo *WWF*. A organização informa que as comunicações da ONG acontecem somente no site e nos perfis oficiais. Situações como essas reforçam a importância de uma leitura crítica e atenta aos conteúdos e informações difundidas pelos meios de comunicação e pelas mídias digitais.



Figura 9: Denúncia sobre anúncios falsos que usam o nome do WWF.

Fonte: Adaptado de WWF (2021).

No que concerne ao *Repórter Eco*, o programa não divulga marcas ou produtos e nos intervalos do programa, notou-se anúncios apenas sobre a própria programação da emissora local, a *TV Brasil Central*, e um momento cultural chamado *Intertextos*, com vídeos de até um minuto, em que são veiculados minicontos, poesias, pensamentos ou pequenos textos em prosa, principalmente de poetas e escritores e, muitas vezes, os textos são recitados pelos próprios autores.

Contudo, o público que assiste o programa pelo canal do *YouTube* e que acessa o site irá observar diversos anúncios publicitários de produtos ou empresas, em paradoxo aos ideais defendidos pelo programa. Decidimos não colocar aqui as imagens para não fazermos propaganda a essas marcas e produtos.

Conclusões

A Educação Ambiental não deve acontecer apenas na sala de aula e/ou em espaços de educação formal, ela pode e deve ser trabalhada em todos os espaços onde haja compartilhamento de informações, de conhecimentos e de experiências, aspirando sempre como objetivos a serem alcançados a sensibilização, a desejável conscientização e a decisão por escolhas e atitudes sustentáveis que visem a coletividade e o meio ambiente.

Ao se privilegiar a dimensão política da Educação Ambiental, pode-se compreender melhor e questionar o modelo econômico vigente, as estruturas sociais e produtivas, suas motivações e as consequências sociais e ambientais, decorrentes de políticas de exploração e supervalorização do capital. Ademais, como prática social, a Educação Ambiental promove a reflexão sobre a natureza e sobre a própria humanidade, em todas as suas dimensões.

A Sustentabilidade ambiental deve ser pensada tanto em nível local, quanto em nível global, por isso torna-se essencial o empenho e a participação da ampla sociedade, dos líderes políticos e das corporações empresariais, para a construção de uma sociedade sustentável e de uma consciência ambiental planetária. Nessa direção, os meios de comunicação de massa, as mídias e a publicidade podem e devem contribuir e se engajar em projetos e ações em defesa do Meio Ambiente natural e da Sustentabilidade.

Nesse sentido, considera-se basilar que os cidadãos percebam e reconheçam as múltiplas incongruências entre os discursos e as práticas, em todos os âmbitos sociais, sejam eles: institucionais, políticos, educativos e econômicos. Além disso, é preciso ter o entendimento que cabe aos cidadãos exigirem das autoridades, que não só apoiem iniciativas, mas que esbozem medidas realmente eficazes e coerentes, em favor do Meio Ambiente.

Frente a necessidade de se adotar novos modelos de desenvolvimento, de ações sustentáveis e práticas educativas que visem a preservação e conservação ambiental, o presente estudo demonstra que a utilização de diferentes recursos educativos, a partir de fontes minimamente confiáveis, são essencialmente relevantes. Isso porque, além de informar, tais recursos sensibilizam os indivíduos, favorecem a conscientização e inspiram a participação da sociedade para adoção de práticas mais sustentáveis.

Almeja-se, portanto, a proteção e conservação dos recursos naturais e a construção de uma sociedade na qual o desenvolvimento tecnológico e o social progridam sem causar danos ao Meio Ambiente e à própria humanidade, ou seja, a consolidação de uma sociedade justa, ética, solidária e ambientalmente sustentável.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. **Teoria da Semicultura.** Primeira Versão. Porto Velho: Edufro, 2005.
- CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (CNUMAH). **Declaração de Estocolmo.** Estocolmo, 1972. Disponível em: <https://bityl.co/ADRS>. Acesso em: 01 set. 2021.
- FEIL, A. A; SCHREIBER, D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: Desvendando as Sobreposições e Alcances de Seus Significados. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, Artigo 7, Rio de Janeiro, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GREENPEACE. Garanta o seu calendário Greenpeace 2022-Edição histórica: 30 anos de Ativismo no Brasil. **Greenpeace Brasil**, 5 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/garanta-o-seu-calendario-greenpeace-2022-edicao-historica-30-anos-de-ativismo-no-brasil/>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

GREENPEACE. Retrospectiva 2021: agroecologia é saúde, solução e justiça alimentar! **Greenpeace Brasil**. 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/retrospectiva-2021-agroecologia-e-saude-solucao-e-justica-alimentar/>. Acesso em: 5 dez. 2021.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, 2003.

LEAL, L. Você sabe quais são os impactos da agropecuária? **Conexão verde Greenpeace**. 16 abr. 2021. Disponível em: <[https://conexaooverde.greenpeace.org.br/topico/voce-sabe-quais-sao-os-impactos-da-agropecuaria](https://conexaoverde.greenpeace.org.br/topico/voce-sabe-quais-sao-os-impactos-da-agropecuaria)>. Acesso em: 5 dez. 2021.

LOUREIRO, C. F. Educação Ambiental Transformadora. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: 2004.

LOUREIRO, C. F. Premissas Teóricas para uma Educação Ambiental Transformadora. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATTA, C. R; SCHMIDT, E. B. O Paradigma da Sustentabilidade: o que pensam pesquisadores em Educação Ambiental sobre as sociedades sustentáveis? **Conjectura**: Filos. Educ. Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 108-119, maio/ago. 2014.

MENDES, C. B.; LHAMAS, A. P. B.; MAIA, J. S. S. Aspectos da Educação Ambiental crítica: reflexões sobre as desigualdades na pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, v. 15, n. 4, p. 361-379, 2020.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução dos Conceitos Teóricos e os Problemas da Mensuração Prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 1, n. 16, 2004.

MOREIRA JÚNIOR, D. P.; BUENO, C.; SILVA, C. M. A utilização de mídias como recurso didático para a abordagem e contextualização das mudanças climáticas na Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 17, n. 2, p.169-183, 2022.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NEFFA, E.; SILVA, E. R.; NEFFA, K. Educação Ambiental para além do capital: um desafio do século XXI. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 4, p.507-527, 2020.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REPÓRTER ECO. O glifosato, agrotóxico mais usado no Brasil, está associado à morte de 503 crianças a mais por ano. **Facebook Repórter Eco**, 1 jun. 2021. Disponível em: <<https://m.facebook.com/profile.php?id=100063597309770>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

UNIVERSO ONLINE (UOL). **Repórter Eco**. Histórico de Programas, 2021. Disponível em: <<https://cultura.uol.com.br/programas/reportereco/?start=48>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

WALLACE, R. **Pandemia e Agronegócio**: Doenças Infecciosas, Capitalismo e Ciência. Tradução Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

WORLD WILDLIFE FUND (WWF). Fundo Mundial para a Natureza. Alerta: o WWF-Brasil não tem app de adoção de animais virtuais. **WWF Brasil**. 10 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?78828/ALERTA-o-WWF-Brasil-nao-tem-app-de-adocao-de-animais-virtuais>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

WORLD WILDLIFE FUND (WWF). Fundo Mundial para a Natureza. Educação para Sustentabilidade. **WWF Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/educacao/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

WORLD WILDLIFE FUND (WWF). Fundo Mundial para a Natureza. Nossa Planeta Educação. **WWF Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/entrada_nosso_planeta_educacao_14012020_1920>. Acesso em: 5 dez. 2021.

WORLD WILDLIFE FUND (WWF). Fundo Mundial para a Natureza. **#Loja WWF Brasil**. O calendário WWF-Brasil 2022 te convida a refletir sobre o que alimentamos com as nossas escolhas individuais e coletivas. 30 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=4823860444365221>>. Acesso em: 4 fev. 2022.